

Editorial

No presente Dossiê temático da Revista Polyphonia, o leitor terá acesso a onze artigos, uma entrevista e uma resenha sobre questões relacionadas à *Inclusão: todos na escola de educação básica!*

O primeiro desses artigos traz a compreensão histórica da deficiência, discute as atuais leis e propostas que definem a educação inclusiva no Brasil e demonstra a relevância dos aspectos da intervenção do outro que, potencialmente, inclui/exclui o sujeito com deficiência.

A autora do segundo artigo também empreende a tarefa de mapear a relação da sociedade com a deficiência, desde a era primitiva até a segunda metade do século XX, e mostra como a evolução cultural implicou em modificações sociais que ajudaram a construir uma nova realidade social e educacional para as pessoas com deficiência.

O terceiro artigo apresenta o processo de escrita e os eixos da Política de Acessibilidade da Universidade Federal de Goiás. Segundo os autores, trata-se de uma investigação qualitativa e descritiva, realizada na perspectiva de estudo de caso, pois diz respeito aos passos e etapas que constituíram a base de escrita do documento e faz uma aproximação crítica do seu resultado. Como conclusão, o artigo aponta para os oito eixos, com metas e ações diversas, que espelham a complexidade das relações de pessoas com deficiência no espaço e na vida universitária.

Um estudo acerca do atendimento educacional foco da política da classe hospitalar do MEC (BRASIL, 2002), realizado no Hospital de Reabilitação e Readaptação (Crer), na cidade de Goiânia, é apresentado no quarto artigo. Com base em uma pesquisa transversal, exploratória e qualitativa, que se valeu de observações participantes e entrevistas semiestruturadas com duas professoras da Seduce lotadas no NAEH do Crer, os resultados demonstram a importância do atendimento pedagógico realizado e enfatizam a necessidade de formação para a atuação docente também em classes hospitalares.

O quinto artigo toma as contribuições do saber filosófico kantiano para buscar o sentido ético das possibilidades, dos limites, das ações e das funções da formação de professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que atuam na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Goiânia (Apae/GO). Para os autores, são imprescindíveis a responsabilidade e o compromisso do professor em reconhecer que os alunos com deficiência são constituídos de desejos, necessidades e potencialidades singulares, e que, portanto, as suas diferenças, o seu tempo de aprender e a sua cultura familiar devem ser respeitados.

No sexto artigo, os paradigmas da simplificação e da complexidade e a metáfora do “porto seguro” são utilizados pelos autores com vistas à discussão sobre a educação do futuro. Para eles, neste emblemático terceiro milênio, é necessário construir outras possibilidades de educação inclusiva que sejam fincadas na esperança em uma prática pedagógica libertadora, crítica e sensível, em que intuição e razão, *sim-bolicamente* e *dia-bolicamente* (BOFF, 1999), se integram, se complementam.

No sétimo artigo, a autora, que trabalha na Escola de Educação Básica Bilíngue – Letras e Português Escrito – de Taguatinga, Distrito Federal, discute a concepção de ensino adotada com estudantes surdos, cuja metodologia se distancia da utilizada na aquisição da escrita por alunos ouvintes. Ao final, argumenta como duas línguas de diferentes estruturas e com canais de entrada tão distintos podem ser aprendidas de modos semelhantes; além disso, propõe e define o letramento semiótico como forma de aquisição bilíngue.

Outra experiência com educandos surdos é apresentada e discutida no oitavo artigo, que enfatiza o Atendimento Educacional Especializado (AEE) do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez, no município de Goiânia – CAS/GO. Nesse texto, no entanto, as autoras demonstram como são feitas intervenções no processo de ensino-aprendizagem de Libras e Português escrito, apresentando o trabalho realizado com um educando surdo oriundo de um curso de nível superior.

No nono artigo, são tratadas questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem de estudantes com deficiência visual. Segundo o autor, os resultados de sua pesquisa evidenciaram possibilidades de sucesso no desenvolvimento escolar de estudantes cegos, quando, em suas aulas, lançou mão de adaptações metodológicas com a contribuição da linguagem teatral; e, sem a pretensão de oferecer técnicas ou receitas, exemplifica

algumas atividades que levam em conta maneiras peculiares de se chegar até o aluno, com base na troca de conhecimentos e bagagens culturais singulares.

Sob o título “A mediação do professor e a aprendizagem de geometria plana por aluno com transtorno do espectro autista (Síndrome de Asperger)”, o último artigo temático apresenta e discute um estudo de caso cujos procedimentos e recursos metodológicos adotados envolveram registros de oficinas de aprendizagem, entrevistas, diálogos e análise documental. Segundo seus autores, os resultados demonstraram que o uso de instrumentos psicológicos do Laboratório de Matemática Escolar (LME) e de signos em atividades individualizadas e coletivas propiciou atos mediadores que potencializaram a abstração e a identificação de propriedades geométricas de forma generalizada pelo aluno com Síndrome de Asperger pesquisado.

Na seção destinada a entrevistas, Tiago Florencio de Abreu, graduando em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo –, narra e comenta o diálogo mantido entre ele e três colegas da Universidade Federal de Goiás, dois deles diagnosticados com Síndrome de Asperger – um faz Mestrado em Ciências Sociais (formado na mesma área) e outro faz Bacharelado em Psicologia – e o terceiro colega da instituição tem um amigo com a síndrome e faz Bacharelado em Farmácia. Sob o título “Sujeitos com Síndrome de Asperger lidam com invisibilidade e preconceito”, a entrevista lança um olhar sobre as experiências vividas por e com pessoas *aspies*, termo adotado pelo próprio autor.

O artigo pertencente à seção de fluxo contínuo é o resultado de uma análise feita do filme iraniano *Filhos do Paraíso* (1998), cujo enredo é baseado em fatos reais e narra a história de duas crianças que dividem um mesmo par de tênis para irem à escola. A trama se passa na periferia e retrata, com autenticidade, os problemas de infraestrutura nesse espaço geográfico. Segundo as autoras, essa obra suscita questões humanísticas relativas ao amor, à ética, à honestidade, à solidariedade, ao companheirismo e, principalmente, à dignidade no enfrentamento da pobreza e à busca pela realização do sonho por um futuro melhor.

A resenha do livro vencedor do 56º Prêmio Jabuti 2014 na categoria educação, *Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução a Libras e educação de surdos*, de Lara F. Santos e Cristina B. C. Lacerda (São Paulo: EdUFSCar, 2013), finaliza esta edição. Para Andréa G. Carvalho, esse livro traz importantes reflexões linguísticas e educacionais sobre a surdez e suas consequências para o ensino e a aprendizagem mono e bilíngue, no âmbito escolar.

Em nome da Comissão de Educação Inclusiva do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae/UFG), reiteramos nossos sinceros agradecimentos aos autores que colaboraram na composição deste Dossiê; e à Pró-Reitoria de Administração e Finanças (Proad/UFG) e ao Centro Editorial e Gráfico (Cegraf/UFG) que apoiaram e viabilizaram a revisão, editoração e publicação deste volume 28, número 1, 2017, da Revista Polyphonia.

Uma profícua leitura a todos!

As organizadoras

Cláudia Santos Gonçalves Barreto Bezerra

Deise Nanci de Castro Mesquita

Sirley Aparecida de Souza